



E aí eu lembro que eu ficava lá naquela trave, e a gente, na hora de colocar em votação, gritava: “Olha, os companheiros que são favoráveis à proposta da Fiesp, por favor, levantem a mão”. Ninguém levantava a mão. E a gente falava:

“Os companheiros que são contra a proposta da Fiesp levantem a mão”. E aí todo mundo... (cena do estádio de Vila Euclides lotado, todos erguendo a mão; grande ovação).

Aqui foi onde a gente descobriu a necessidade de dar um passo adiante, aqui foi onde a classe trabalhadora criou consciência política. Aliás, eu acho que aqui é que começou o verdadeiro processo de democratização deste país, porque foi aqui que a classe trabalhadora deu o seu grito de guerra.

(Depoimento de Lula para Isabela Assunção, no programa de TV Globo Repórter, 1988) Foto: acervo Iconographia

O ESTOPIM: “BRAÇOS CRUZADOS, MÁQUINAS PARADAS”

As greves de 1978-1980

Era o tempo da ditadura. De censura, perseguição política, tortura e assassinato, exílio. Os partidos políticos haviam sido extintos, dando lugar a duas agremiações artificiais, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e a Arena (Aliança Renovadora Nacional), que muitos chamavam de “partido do sim” e “partido do sim, senhor”. As eleições ou não eram realizadas ou viravam pura encenação. Às vezes, mesmo essa farsa não funcionava direito e o Congresso Nacional era fechado e os políticos, cassados.

Era o tempo do arrocho salarial, que dava sustentação ao chamado “milagre brasileiro”. Os sindicatos estavam atrelados à ditadura e se, mesmo assim, quisessem reivindicar algo, eram prontamente reprimidos. As últimas greves de que se tinha notícia aconteceram em 1968, em Osasco (São Paulo) e Contagem (Minas Gerais), e havia terminado com muitas prisões.

Mas era o tempo também de não agüentar mais. Em 12 de maio de 1978, 1.600 trabalhadores da Saab-Scânia, em São Bernardo do Campo (São Paulo), entraram na fábrica e... “braços cruzados, máquinas paradas”. O movimento grevista rapidamente se alastrou por outras fábricas, outras regiões, outras categorias: metalúrgicos das cidades de São Paulo, Osasco e Campinas (São Paulo) ou de João Monlevade (Minas Gerais), professores do primeiro e segundo graus do estado de São Paulo, bancários e trabalhadores da construção civil de Porto Alegre...

Em 1979 e 1980 novas ondas de greves pararam várias regiões do país, a começar, novamente, por São Bernardo do Campo. Ali, o Sindicato dos Metalúrgicos passou por intervenções e, em 1980, seu presidente, Luiz Inácio da Silva, o Lula, foi preso, junto com outros membros da diretoria. Estava evidente que até mesmo para reivindicar simples melhorias salariais era preciso enfrentar a ditadura. “Abaixo a ditadura!” tornou-se palavra de ordem dos trabalhadores.

HOJE EU NÃO
TÔ BOM!

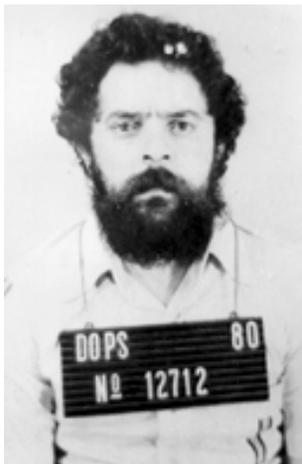




No 1º de Maio de 1979, o então governador de São Paulo, Paulo Maluf, abriu o Estádio do Pacaembu para shows e futebol de graça. Mas todo mundo preferiu ir a São Bernardo, onde haveria a missa do trabalhador e um ato público, com Vinicius de Moraes (na foto, com Lula) declamando o seu poema "Operário em construção". Fotos: acervo Iconographia

Quando as meninas entraram (mais ou menos umas 600) às 7 horas, foi uma verdadeira repressão. Toda a direção da fábrica desceu: chefes, encarregados imediatos. Chegaram a pegar na mão delas para que voltassem a trabalhar. [...] Foi quando tomamos a iniciativa, saímos da nossa seção que já estava paralisada e fizemos uma "parede" de três companheiros, cruzamos os braços e ficamos olhando para as meninas. [...] Uma senhora de idade olhava direto para nós. E o pessoal naquela confusão: trabalha, não trabalha. Aí, o pessoal da seção de baquelites se emocionou e começou a sair da seção em massa. Quando olhei para trás, tinha um corredor de operários em volta de nós três. Na seção de baquelites parecia que não tinha mais ninguém. Nesse instante, a velha deu um sinal para as meninas, elas sentaram e cruzaram os braços. Assim, começou a paralisação.

(Depoimento de um trabalhador da Siemens, em São Paulo, sobre a greve de 1978. Citado por Amnéris Maroni. *A estratégia da recusa*. São Paulo, Brasiliense, 1982)



No prontuário do Dops, foto de Lula, preso durante a greve geral de 41 dias no ABC. Foto: acervo Iconographia

Tinha gente que tinha passado por greves. Mas não tinha ninguém que tivesse ajudado a organizar a greve. Foi uma experiência nova para todos. Na hora do café, servido na empresa, bolamos o seguinte: quando a gente sentar fica um bloco em uma parede e um bloco na outra parede, dividindo o pessoal assim [...]. Quem tivesse numa parede, olhava o pessoal que estava na outra parede. Portanto, evitava os fura-greves e um se sentia seguro no outro. Quando a sirene apitou, às 3h10min, ficou um olhando para o outro, ninguém se mexeu [...] e ficou aquele silêncio.

(Depoimento de um trabalhador da Brown Boveri, em Osasco, São Paulo, sobre a greve de 1978. Citado por Amnéris Maroni. *A estratégia da recusa*. São Paulo, Brasiliense, 1982)

Estava aquela tensão nervosa, aquele ambiente de expectativa, mas à medida que o pessoal viu que todo mundo acatou o negócio (ninguém ligou as máquinas, ninguém furou a greve), aquela fase de tensão foi passando, então o pessoal começou a se comunicar e daí para diante virou aquela festa: começaram a jogar dominó, ler jornal, dormir ao pé da máquina.

(Depoimento de um trabalhador da MWM, em São Paulo, sobre a greve de 1978. Citado por Amnéris Maroni. *A estratégia da recusa*. São Paulo, Brasiliense, 1982)



Cena da greve geral dos metalúrgicos do ABC de 1979. Foto: acervo Iconographia

Em cena, novos personagens

Era a manhã ensolarada do dia 1º de maio de 1980, e as pessoas que haviam chegado ao centro de São Bernardo para a comemoração da data se depararam com a cidade ocupada por 8 mil policiais armados, com ordens de impedir qualquer concentração. [...] É que aquele Dia do Trabalhador ocorria quando uma greve dos metalúrgicos da região alcançava já um mês de duração e levava o chefe do Serviço Nacional de Informação a prometer que “dobraria” a “república de São Bernardo”. O que poderia ter permanecido em dissídio salarial tornara-se um enfrentamento político que polarizava a sociedade. Movidos pela solidariedade à greve formaram-se comitês de apoio em fábricas e bairros da Grande São Paulo. Pastoris da Igreja, parlamentares da oposição, Ordem dos Advogados, sindicatos, artistas, estudantes, jornalistas, professores assumiram a greve do ABC como expressão da luta democrática em curso. A resposta viera pronta: os sindicatos promotores da greve



Eder Sader (1941-1988), sociólogo, militante e dirigente do PT. Foto: acervo do Diretório Nacional do PT

foram postos sob intervenção e 12 de seus dirigentes, presos; membros da Comissão de Justiça e Paz e pessoas da oposição haviam sido seqüestrados por agentes do serviço de segurança. Alguns minutos depois das 9 horas, o bispo D. Cláudio Hummes iniciava a missa para 3 mil pessoas que lotavam a igreja da Matriz, num clima de tensão, sem saber o que se passaria em seguida quando da programada passeata proibida. [...] De repente, correu o rumor de que a polícia militar iniciara a dispersão de manifestantes que estavam em frente à igreja. Alguns reagiram a pedradas. Dois operários foram levados feridos



Passeata das mulheres contra a intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 8 de maio de 1980.
Foto: Juca Martins/Pulsar Imagens

para dentro da Matriz. Entre os parlamentares presentes, o senador Teotônio Vilella procurava convencer o coronel Braga, chefe da operação militar, a liberar a praça, enquanto este insistia em só permitir o acesso a um megafone se fosse para avisar o cancelamento da manifestação. Até que às 10h30 o coronel recebeu ordens de Brasília para evitar enfrentamentos de alcance imprevisível e permitir a concentração. A notícia correu rapidamente, e os pequenos grupos foram se juntando, e só então seus participantes se deram conta de que constituíam uma multidão impressionante, calculada em 120 mil pessoas, a maior até então desde a implantação do regime militar.

O maravilhoso espanto com a dimensão visível daqueles pequenos grupos, agora reunidos, consolidou uma imagem evocada cada vez que os que o viveram falam sobre os movimentos sociais da década passada. [...] O que acontecera na manhã de 1º de maio de 1980 parecia condensar a história de todo movimento social que naquele dia mostrava a cara ao sol.

(Eder Sader. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988)